

# A EPOCA.

## JORNAL

DE INDUSTRIA, SCIENCIAS, LITTERATURA, E BELLAS-ARTES.

### INDUSTRIA E SCIENCIAS.

#### ESBOÇO DE UMA HISTORIA DA AGRICULTURA.

(Continuado do n.º 2.)

EM quanto a Hispanha se revolveia toda nessa luta titanica de duas raças, que disputavam palmo a palmo a terra de uma patria que já era de ambas, o systema feudal ia tomando corpo e creando fundas raizes n'uma grande parte da Europa.

Este systema era por tal forma combinado que, tendo todas as vantagens para a guerra, punha todos os estorvos possiveis aos desenvolvimentos e progressos da agricultura.

Quando os barbaros da velha Germania se espalharam pelas terras da Gallia, e pela Lombardia, apoderaram-se de grande parte das melhores terras destes fertis paizes, deixando o resto apenas aos antigos habitantes. As propriedades assim adquiridas pelos Francos, e que constituíam um patrimonio, que passava de paes a filhos, com a obrigação de se prestarem seus donos ao serviço exigido pela defeza publica, tinham a denominação de *allodia*; ao lado destas propriedades appareciam outras, que pertenciam á corôa, denominadas *terras fiscaes*, e que estavam pela maior parte distribuidas entre os escolhidos do rei a titulo de *beneficios*.

Esta organização social primitiva foi com tudo profundamente alterada pela decadencia do poder real, e augmento successivo de influencia dos senhores dos *beneficios*, e dos *condes*, governadores das provincias, que foram pouco a pouco ganhando terreno sobre os privilegios reaes.

Os *beneficios* tornaram-se hereditarios, e por isso os senhores delles os dividiram em porções pequenas, que deram a cultivar a individuos, que se lhes submetteram; prestando-lhes juramento de fidelidade, e contrahindo a obrigação de os ajudarem na guerra.

Os proprietarios *allodiaes* ficaram pois desamparados e fracos, no meio destes grupos robustos, formados pelos senhores, e os seus *sub-infudados*; e por isso começaram a mudar a sua posição, indo de motu-proprio offerecer as suas terras a algum guerreiro

poderoso que os protegesse, e prestando voluntariamente o juramento de fidelidade.

Foi então que o systema feudal ficou completo; e desde logo começaram a apparecer todos os seus inconvenientes: essa organização, excellentissima considerada debaixo do ponto de vista militar, era pessima como base social; a agricultura, o commercio, a industria não podiam de nenhum modo prosperar, quando sobre ellas pezavam grillhões, que lhe tolhiam os movimentos, e paralisavam a vida.

A transmissão da propriedade, a compra, a venda, a alienação della por qualquer modo, os casamentos, as tutorias, tudo era objecto para pezados impostos, em tudo se exercia a rapina voraz dos homens poderosos; e por isso esta epoca, é profundamente tenebrosa na historia da agricultura.

Restam-nos com tudo della dois livros, ambos de origem peninsular, que nos dão algumas noções preciezas sobre os modos usados então para agricultar a terra. Um é a obra do arabe Ebn-el-Avam, que nos faz um quadro completo dos trabalhos applicados pelos seus compatriotas ao fertil sólo da Hispanha: o outro é o livro «*de originibus*» de S. Izidoro de Sevilha, que nos dá uma descripção dos instrumentos usados então na lavoura, do modo de os applicar, e da forma porque então se cuidava das cousas do campo.

No meio de tão profunda ignorancia, e tão errados systemas de governo, os nossos primeiros reis, levados pela necessidade, e para segurança dos proprios dominios, occuparam-se com extremo cuidado de augmentar a população, e de construir villas, a que davam muitos privilegios, nos pontos mais desertos do reino.

Aos monges foram confiadas extensas porções de terra, para elles as cultivarem, e amanharem: e assim o faziam com grande proveito do paiz; porque as tradições agricolas da antiguidade eram elles só que as conservavam entre os christãos. Das mãos dos monges, e dos bispos era distribuida tambem a pequenos lavradores muita porção de terra, que estes arroteavam debaixo da direcção de seus senhorios.

Era tão grande a devoção dos nossos primeiros reis, ou antes, era tão grande naquelle tempo já o poder do clero, que D. Affonso Henriques doou de uma vez ao mosteiro de Alcobaca toda a terra que se avistava do cimo da serra de *Alvards*.

Já naquelles tempos era grande a cultura de grãos e legumes nas provincias do Minho e Traz-os-Montes, e em parte grande da Beira: porém as porções de terra inculta e coberta de mato eram muito maiores, do que aquellas onde tinha entrado o ferro de um arado.

Todos os reis até D. Diniz se esmeraram em acrescentar a população, e em promulgar leis, em favor da agricultura; porém desde Affonso II os mosteiros cessaram de augmentar as suas propriedades, na mesma proporção em que até então o faziam, porque este rei, temendo o poder do clero, e notando que os lavradores isolados e pobres não podiam concorrer no mercado com os ricos monges, prohibiu que estes possessem adquirir novos bens de raiz; o que augmentou ainda a violencia da longa lucta, que tanto tempo andou travada em Portugal entre a corôa e o clero.

De D. Diniz em diante a agricultura começou a decahir, e o pensamento de augmentar a população perdeu-se de todo: nem valeram, para a salvar da ruina, as leis violentas e sanguinarias de Pedro I que, no seu amor selvagem por esta utilissima arte, condemnou os lavradores que não *empalheirassem* toda a sua palha a perderem as orelhas e a serem açoitados; nem as sabias leis de D. Fernando, auctor dessas famosas disposições das Sesmarias.

Nesta epoca, Portugal, dotado de uma vigorosa organização, cheio de vida e de ardentes paixões, começou a adoecer de uma febre devoradora, que o arrastava ás conquistas distantes e ás descobertas aventurosas.

D. João I, teve um reinado brilhante nas guerras de nacionalidade e digno de se conservar na memoria dos portuguezes, porém este reinado foi em extremo fatal ao paiz, matando nelle o espirito agricola, para lhe substituir o do commercio pela conquista, como elle se fazia por aquelles tempos.

A lucta com Castella trouxe em resultado a expatriação de muitas familias poderosas, e as propriedades destas foram distribuidas pelos grandes que se agruparam em roda do throno de D. João I: então a somma das herdades accumuladas nas mãos de cada uma destas familias fieis á patria, foi tão grande, que ellas as não podiam cultivar todas, e por isso logo então se violou a lei das Sesmarias, e se introduziu o pernicioso costume de dividir as herdades *em folhas*, de modo que só produziam uma parte, do que dariam, sendo todas cultivadas.

Acabada esta lucta o rei levou logo suas armas além dos mares; era o espirito do commercio quem o guiava, segundo se colhe das palavras de Gomes Eannes de Azurara na sua chronia de Guiné.

« Em qual parte, diz Azurara, asseentarey milhor o começo deste capitollo, que naquella muy honrada conquista que se fez sobre a grande cidade de Cepta, de cuja famosa vitorya os ceos sentirom gloria e a terra beneficio? Gloria me parece assaz para o sacro

collegio das celestiaes vertudes, tanto sacreficío divino com tam sagradas cerimonyas, quantas ataa oje som feitas em aquella cidade em louvor de Xpô nosso senhor, e per sua graça para sempre. *Pois do proveito que a terra recebeu, o levante e o poente som bem clara testemunha, quando os seus moradores podem comudar suas cousas, sem grande perigoo de suas fazendas, ca por certo nom se pode negar que a cidade de Cepta nom seja chave de todo o mar Medyoterenno.* »

Foi a conquista de Ceuta o primeiro signal de uma nova existencia social para este reino: á expugnação desta cidade seguiu-se o estabelecimento das colonias nas ilhas da Madeira e Porto Santo, e com ellas a diminuição da população, e o abandono da agricultura.

D. Duarte passou como uma sombra melancolica sobre o throno; o pensamento de D. João I permaneceu intacto: a exploração da Costa d'África continuou pela impulsão do infante D. Henrique. Para tornar maior o enfraquecimento da nação uma terrivel peste devorou grande parte da população no memoravel anno de 1438.

Subiu ao throno Affonso V, depois das guerras civis da sua minoridade, o fogo das conquistas na Africa foi activado ainda mais pelo genio aventureiro do principe; que achou ecco no espirito dos vassallos. Todos os olhos se despregaram da terra da patria para se voltarem para as bandas da Africa; viu-se então a melhor parte de um povo voltar costas ao paiz que o viu nascer, e caminhar para as costas do Oceano, onde tinha todos os desejos e todas as esperanças. Ser soldado, ir pelejar nas terras distantes das conquistas, era a ambição de todo o homem bem nascido: partiam, e por lá ficavam, ou mortos pelo ferro inimigo, ou consumidos pelas doenças que são a praga daquelles climas ardentes, ou em fim formando parte dos presidios das cidades conquistadas.

O tempo de D. João II não foi mais propicio á agricultura; e só ha memoria de ser nelle, que se introduziu em Portugal a importante cultura de *milho grosso*, que veio pela maior parte substituir a do *milho miudo*, que até alli se fazia: este grão novo foi descoberto em Guiné, como confusamente dá a entender Azurara, e confirmam outros chronistas. Uma calamitosa transformação começou com tudo neste reinado a ter lugar no nosso systema agricola. O grande consumo que se fazia de vinho e espiritos por todas as terras novamente descobertas, e a muita facilidade de exportar com lucro estes mesmos generos para os paizes do norte, por tal modo excitasse a cobiça dos lavradores, que plantaram de vinha não só as alturas, onde o terreno é para ella proprio, mas sacrificaram á lucrativa industria os proprios campos onde dantes se davam maravilhosamente os cereaes.

Então se deu para Portugal uma mudança bem estranha: os povos que até alli vinham aos nossos por-

tos carregar cereaes, commecaram a vir sustentar-nos com os seus proprios, levando em troco o ouro e riquezas, que nós iamos arrancar á custa do nosso sangue nas conquistas distantes.

Com D. Manuel chegou o apogeo da grandeza do povo portuguez fóra da patria, e se preparou a sua total ruina dentro della. N'um curto espaço de tempo foi dobrado o Cabo da *Boa Esperança*, e se descobriram, exploraram, e occuparam todas as costas da vastissima Africa, se hastearam as quas portuguezas na Asia sobre uma superficie de mais de oito mil leguas, e se fizeram tributarios trinta e tres reinos. Fernando de Magalhães abraçou o globo com os braços ousados do seu genio; e Pedro Alvares Cabral abriu ás mãos auri-sedentas dos portuguezes, os thesouros inexgotaveis da America.

Portugal para se enterrar abriu uma sepultura, que abrangeu o mundo; foi uma morte gloriosa, mas de que não poude mais resuscitar.

Com as conquistas portentosas que fizeram, os nossos maiores julgavam-se demasido grandes, demasido ricos, para descerem ás occupações familiares da industria: a guerra e as festas eram os seus pensamentos unicos. O luxo desenvolveu-se com extraordinaria rapidez, e a corrupção chegou a tal ponto que os proprios jornal'eiros do campo occupavam-se a semana a jogar, em vez de trabalharem; de modo que D. Manuel se viu obrigado a publicar uma lei em que condemnava a 500 réis e cadêa aos que fossem encontrados empregando as horas do trabalho nesta occupação viciosa.

A todas estas causas de decadencia acresceram mais duas, que produziram uma grande despovoação no reino: a primeira foi a tão cruel como estúpida expulsão do grandissimo numero de judeos, que tinham aqui os seus estabelecimentos industriaes; a segunda a criação e edificação nova de um sem numero de casas de religiosos. Estes dois acontecimentos não podiam deixar de ter as mais perniciosas consequencias para o paiz; e de feito as tiveram.

As nações que então estavam connosco em mais estreitas relações não perderam a occasião de se aproveitarem dos nossos erros. Começaram desde logo a trazerem-nos trigo, de que já muito careciamos; compravam-nos as lãs em estado de materia prima para depois nol-as venderem em tecidos de suas fabricas; os hispanhoes mettiam os seus gados a pastarem pelas nossas campinas, e compravam-nos os bois a pezo de ouro para nos faltarem os recursos para a lavoura; em fim todos nos tentavam com o luxo e procuravam fazer-nos perder o gosto pelo trabalho.

Foi em vão que D. João III quiz pôr termo a tamanhos males, já abandonando grande parte dos este-reis presidios d' Africa, já promovendo por meio das leis a volta para a patria dos fidalgos que se tinham enriquecido na India; o mal era sem remedio porque

tinha penetrado todas as fibras da sociedade, era já um vicio organico.

Para promover a criação de gado no paiz, onde esta industria estava quasi de todo perdida, o rei prohibiu por um alvará, a exportação de gado, sob pena de ser a pessoa que fosse encontrada a praticar *este delicto*, sendo peão, publicamente açoitado a baração e pregão, ter *decepado um pé no pelourinho*, ir degradado para sempre para S. Thomé, e perder toda a sua fazenda; sendo fidalgo, ou alcaide môr perder a jurisdicção, fortaleza, direitos reaes, tenças, moradias, e qualquer outra cousa que possuísse da corôa, e ter cinco annos de degredo para Africa, e se não tivesse bens de corôa perder toda a sua fazenda; sendo escudeiro ou cavalleiro ter o mesmo castigo: aos que encobrissem ou favorecessem os delinquentes determinou que se lhes fizesse soffrer penas identicas: pelo contrario aos que criassem gados em sua fazenda, ou mesmo na *fazenda alheia* prometteu grandes privilegios e isenções. Estas leis e outras muitas de D. João III foram inteiramente estereis; a agricultura nada lucrôu com ellas, antes foi decahindo cada vez mais, até á hora em que a imprudencia de um rei mancebo e fanatico, arancando-lhe os pouquissimos braços que ainda lhe restavam, foi enterrar nos areaes d' Africa as suas ultimas esperanças.

O pobre Portugal já estava muito decahido quando foi a expedição de el-rei D. Sebastião; em quanto que D. João I pôde levar á Africa vinte mil soldados, D. Afonso V conduziu trinta mil a Arzila, sem que no reino se sentisse grande falta, D. Sebastião apenas poude juntar onze mil com grande prejuizo da agricultura.

Que mais desventuras podiam succeder a este reino? Cahir em mãos estrangeiras, que lhe devorassem o resto de suas riquezas, e lhe consumissem as ultimas forças, para nunca mais se alevantar.

Assim aconteceu. Portugal escorregando por cima do cadaver do cardeal-rei, foi cahir nas mãos dos Filippes de Hispanha.

Uma mutua relação liga entre si a sociedade e a agricultura; uma e outra caminham a par; desgraçadamente uma das provas mais evidentes desta verdade é a historia do nosso paiz. Nos primeiros tempos, quando a população ia crescendo e os homens trabalhavam a terra, as forças do reino augmentavam cada dia mais, e Portugal tornou-se em pouco um dos reinos mais vigorosamente organisados da Europa: veio por fim a ambição das conquistas, vieram o luxo e a corrupção fazer abandonar o serviço dos campos, e a decadencia foi completa; em poucos annos o paiz que tinha mais ouro e preciosidades era o paiz mais pobre, porque os thesouros não faziam senão passar-lhe pelas mãos para irem depois ser entregues a nações mais industriaes. Todo o ouro da America e as pedrarias da India não valeram a Portugal, o que lhes valeria uma boa charrua habilmente dirigida.

Com as riquezas, a indolencia e o abatimento corriam nas veias dos portuguezes: tudo parou entre nós, em quanto o resto da Europa acordava e se punha a caminho por essa estrada da industria, a que ainda hoje não vemos fim.

(Continua.)

#### RELATORIO SOBRE O CADASTRO PELO SR. CONSELHEIRO ANTONIO JOSÉ D'AVILA.

NESTE paiz, que se pôde chamar o reino da providencia, porque vive do lethargo que mata os outros, e guia-se quasi sem cessar pelo olho vesgo do accaso na esphera economica e social, a publicação de um trabalho, rico de dados e de observações, como o que vamos annunciar, é um verdadeiro acontecimento. A nossa imprensa não está costumada a convidar a attenção geral para assumptos, em toda a parte os primeiros, porque encerram os mais elevados problemas da sciencia, mas aqui os ultimos, porque nos não importa que na sua resolução abracem os interesses do Estado, a prosperidade da industria, a riqueza do sólo, e a egualdade do imposto. Saudamos, pois, esta obra como um grande passo na estrada moderna; oxalá que sirva de exemplo a outras, e não seja a unica!

Todos conhecem o nome do auctor. O Sr. Avila tem uma carreira publica das mais honrosas; uma intelligencia educada por copiosa instrucção; e a actividade infatigavel de estudo e reflexão, tão rara na indole peninsular. Encarregado pelo governo em 8 de Novembro de 1846 de investigar e colligir nos paizes mais adiantados na sciencia administrativa os esclarecimentos e os materiaes preparatorios, indispensaveis para a formação e progressivo aperfeiçoamento do cadastro geral do reino, passou a Pariz, e consagrando-se todo a esta empresa examinou á lei da critica, e em presença dos factos e melhores informações, comparou entre si os diversos methodos, e as differentes series de operações cadastraes praticadas na Europa.

O seu relatorio, publicado por ordem do governo, é o fructo deste laborioso estudo, que seria completo, se o talento e o amor da sciencia podessem inventar a riqueza. Era essencial colher uma collecção de documentos e de instrucções, tirada da legislação dos diversos reinos neste ramo, e formar della a base das primeiras tentativas. Sobre tudo era essencial a copia da Matriz e da planta de um concelho, obtida no reino onde o cadastro estivesse mais perfeito. Ninguem melhor do que o Sr. Avila se achava no caso de preencher este objecto; porém entendeu-se que deixal-o entregue a si, e não assignar a menor dotação para se organizar um archivo cadastral, era o modo mais directo de conseguir as vantagens do encargo, que lhe fêra commettido, e assim se decidiu. Sem a receita,

que o habilitasse, o Sr. Avila deveu por tanto ás bibliothecas publicas, e ás confidencias da amizade, os dados praticos e theoreticos, que allumiam a discussão do seu relatorio, e a ultima nota da sua obra paga esta divida aos sabios dos diversos reinos da Italia, que vizitou, e aonde recebeu o fraternal acolhimento da sciencia.

O relatorio occupa-se de tres pontos intimamente ligados. Discute a preferencia entre os differentes systemas; traça o quadro historico da origem e progresso da instituição; e desenvolve praticamente o methodo de a verificar entre nós. As applicações são positivas, luminosas, e evidentes. A influencia salutar do cadastro na administração e na industria é demonstrada com a maior superioridade de raciocinio e de clareza. Retirando-se de Portugal o engenheiro Sarti achou a obra digna de ser divulgada na sua patria; e a esta hora, será talvez conhecida já em um paiz, em que este genero de estudos se adianta todos os dias, e aonde se tocou um grau invejavel de perfeição. E' o maior elogio, que podia honrar o auctor.

Reina entre nós um preconceito, até nos homens illustrados, que embaraça muito o desenvolvimento da administração, e tolhe o ensaio do systema cadastral. Como não se olha senão para a França, donde copiamos tudo, cita-se com terror a despeza enorme, em que importa o seu cadastro, e nota-se emphaticamente, que o resultado não correspondeu ao pensamento. Seria bom, que os censores voltassem a vista para a Italia, e tambem para a Belgica, para a Hollanda, e até para a vizinha Hispanha; e que respondessem ás suas apprehensões com a reflexão simplicissima, de que o cadastro francez não é filho de uma idéa unica e de um processo consecutivo, mas feito aos retalhos, e por differentes methodos. As sommas, que absorveu, não representam pois o custo só da instituição —; representam egualmente o preço de experiencias infelizes, e de ensaios mal succedidos. E' facil mesmo provar, que as economias, que resultam de um bom cadastro, effectuado em virtude de planos uniformes e invariaveis, dentro de poucos annos excedem os sacrificios, que a sua existencia exige, e recompensam largamente o paiz do capital empatado na sua confecção. Em melhoramentos desta especie, como na cultura, o fructo é que paga o suor da lavoura.

Para declarar a impossibilidade financeira da empresa é preciso mais do que a asserção espuria, é necessario o testemunho dos factos. A nossa indolencia estremece das tarefas prolongadas, e a nossa vontade meridional esparguiça-se em continuas objecções apenas o trabalho a não convida com immediato e immenso proveito. Onde está o calculo da despeza, não por algarismos arbitrarios, mas deduzido das contas dos diversos reinos onde o cadastro se verificou? Tomando para exemplo a França, e não considerando o capital perdido em ensaios arriscados, já se obteve o verdadeiro custo, o termo medio da despeza consu-

mida na prosecução constante de um methodo invariavel? A administração de França nunca teve o merito de ser a mais barata; e para orçar os sacrificios, que requer um cadastro, feito com a certeza de instrucções e methodos coroados pela experiencia, era melhor tomar para typo a Belgica, ou os reinos e principados da Italia. A economia está na execução principalmente.

Temos um corpo de engenharia, quasi ocioso; temos repartições administrativas montadas em toda a pompa, gastamos com prodigalidade em tudo o que é improductivo, e ha de ser fado nosso tremer sempre dos melhoramentos solidos, regatear a instrucção, e fugir com horror das despezas uteis, que semeiam a fertilidade, e remuneram o trabalho? Vivemos sem estradas; não ha uma planta geral do paiz; os nossos rios cortam esteiros para a industria um torrão delicioso; este ceu, este clima, e este sólo, ainda não poderam accordar a nossa inercia, e chamar-nos á actividade, que faz a força, a riqueza, e a importancia dos povos. Esperam, que a providencia invente os caminhos, canalise as aguas, e roteie a terra, que a mão do homem desbarata, como thesouros desprezados pelo barbaro que os não conhece? E' preciso uma vez entender e acceitar a nossa posição. Somos um reino pobre, e o pobre não enriquece senão pelo trabalho. Os galleões da India, a náu dos quintos do Brazil, o commercio parasita do monopolio não volta. Saber trabalhar, e querer trabalhar é o segredo unico que nos póde restituir o que perdemos.

«O cadastro leva muito tempo e custa muito dinheiro.» E' verdade. Colhei trigo sem semear? Tendes uva sem podar as cepas? Fazeis vinho sem lagar? Não vos custa dinheiro, risco, e canção o fructo da terra, o grão do celleiro, a adega rustica? Na economia do Estado é o mesmo. Deus, quando lançou o homem fóra dos jardins do Paraizo deu-lhe a dor e o trabalho por castigo; a remissão é por esse preço. O que deveis examinar é, se a despeza vos renderá o décuplo; se o sacrificio vos será indemnizado. As estradas, as escolhas, e o cadastro, não se consideram só pelo custo, consideram-se pelo que promettem. De que vos serve o trigo, se o frete e a condução por más estradas vos levam o lucro todo. De que vale a terra se a não sabeis fazer produzir como os outros povos? Se a cultivardes bem renderá dez, se fór mal lavrada nem rende quatro. Vêde a Inglaterra e a Suissa! Gemeis sob a vara fiscal do imposto, iniquo no lançamento, cobrado sem economia, aggravado pelo arbitrio. E ignoraes, que o contribuinte paga menos e o Estado recebe mais, sempre que a collecta é filha da egualdade proporcional? O cadastro recensêa a propriedade, e verifica o seu valor. A equidade e a renda, e não o arbitrio do recebedor, regulam o imposto; o rico ha de pagar o que dever, e o pobre não será multado no que elle sonegar. O cadastro é o registo da terra, e depois d'elle aberto, a fraude não

tem já onde se acoutar. A justiça fica sendo egual para todos.

Aqui tendes já como contribuinte uma das vantagens do cadastro; e por esta já não duvidareis confessar que vale a pena effectual-o. Mas ha mais ainda. O agricultor é victima da usura, que o não deixa resgatar-se da oppressão dos monopolistas do numerario. O dinheiro é mais raro no campo, do que na cidade; e o preço porque lho emprestam representa a dificuldade de o haver, e o perigo do crédor. Para acudir ao costeio da lavoura é forçado ou a optar pela venda da colheita, arrematada por nascer, ainda com a perda do risco do comprador, ou pelo emprestimo ruinoso, que o escravisa. A incerteza da hypotheca territorial, e as vicissitudes a que sujeitam as execuções, e as delongas da liquidação, são o motivo, que affasta os capitaes desta collocação, e os leva a preferir empregar-se no agio de papeis, e em operações arriscadas.

Em que póde porém o cadastro melhorar estes males da pequena e media cultura sobre tudo, servas do monopolio dos grandes empregarios de grãos e de lavoura? Se a séde da enfermidade está na legislação da propriedade, nos costumes forenses, e nas apprehensões geraes, quem ha de reformar tudo isto, e conseguir a necessaria inversão de idéas e de usos legaes? Basta definir o cadastro para responder á incredulidade, e satisfazer os mais suspeitosos. Querer limitar a instituição cadastral a servir unicamente de base para a repartição das contribuições é equivocar a applicação com o principio, e admittir que um dos effectos seja a idéa unica e principal.

O cadastro, como hoje a sciencia o pratica, deve ser a grande planta do paiz; — a descripção exacta da sua propriedade predial; — o inventario do valor dos seus productos; — e o tombo dos titulos dos seus proprietarios. Logo notaremos as condições necessarias para todos estes resultados se obtirem. O cadastro, é por tanto, o registo publico, que descreve a extensão e o valor das propriedades prediaes de um paiz, com a designação do nome dos proprietarios, e com a noticia das successivas mutações na posse do dominio.

Vejamos o que se deriva daqui. Concluido o cadastro é elle que ficará sendo o verdadeiro titulo da propriedade predial, cessando logo, quanto ao passado, todas as questões de posse, e tornando-se impossivel suscitá-as no futuro. O systema hypothecario, tão obscuro e enredado, firmar-se-há com toda a simplicidade e clareza na unica e verdadeira base, que pode ter; e essa é bastante larga e segura para sustentar o credito agricola.

O lavrador, que hoje lucha com a usura, ou com a venda ao desbarato porque os capitaes fogem d'elle, achará então grande facilidade de obter recursos, e preço moderado no juro do dinheiro. Sobre a garantia de propriedade, cujo valor e cultura o cadastro descreve, e que a publicidade da inscripção das hypothecas prova pertencer áquelle que a precisa empenhar,

ninguém receia emprestar. A cultura, que se arrasta atrás de usanças viciosas, serve, e sem meios de se libertar, verá nesta reforma a sua independência, e com ella um progresso diário e successivo. Desde que a garantia das terras não offerecer risco, os capitães ociosos lá irão negociar com premio; a concorrência diminuirá pelo augmento da offerta o preço de monopolio conservado ao dinheiro; e trazendo o juro a termos razoaveis, dará á agricultura, e ás industrias independentes, o impulso e o desenvolvimento, de que necessitam para medrar e florecer. Dois livros, com merecida reputação, demonstram o que levamos dito, e o Sr. Avila explica com a maior lucidez. E' a obra « sobre o credito rural e os meios de o crear » por M. Loreau — e o excellente tractado acerca dos bancos ruraes publicado por um polaco M. Cieszkowski, com o titulo de — « Credito e circulação. » Ahi se achará a materia discutida á lei da sciencia pratica, e o raciocinio e os factos unindo-se ambos para gerar o convencimento da evidencia.

Mas o cadastro não reduz só a estes dous aspectos a sua utilidade. O conhecimento dos terrenos, da qualidade e gráu de cultura delles, e dos melhoramentos e industria de que são susceptiveis, dimanam das diversas series de operações, que se hão de consumir para o concluir, patenteando ao estadista, ao grande agricultor, e ao industrial uma fonte preciosa de noticias e de dados importantes para os seus calculos. Os governos sabem, por um simples lanço de olhos quaes são as facultades productivas do paiz, e por ellas podem regular a escalla dos sacrificios geraes, e medir a estensão dos seus planos. Longe da riqueza publica ser um mysterio (que ignora desde a administração até ao ultimo subdito) é uma estadística completa, clara, e ao alcance de todos. O governo, antes de emprender uma reforma, ou de tentar uma grande empreza pôde enumerar as forças productivas da nação, como o general conta uma apoz outra as phalanges das suas legiões. O cadastro topographico, figurando o perimetro do concelho, o das secções, estradas, rios, propriedades urbanas e peças de cultura a par da configuração do solo, e a posição das terras, é um Atlas precioso, deduzido da grande triangulação da planta geral do paiz, onde se descreve completamente a sua superficie, e se apalpa com o dedo, por assim dizer, as estradas e canaes, que importa abrir, e indica a direcção delles, e as expropriações necessarias, sem obrigar todos os dias a estar levantando plantas especiaes. Já se vê por tanto, que a organização economica e administrativa, e a perfeita repartição do imposto dependem d'um bom cadastro para se constituirem; e que a somma das vantagens é muito superior a quaesquer despesas, em que se possa orçar a confecção.

Examinemos agora qual é o melhor systema para a formação do cadastro, resumindo a discussão do Sr. Avila, cuja erudição e critica realção com igual bri-

lho no estudo magistral da origem da instituição, e na historia do seu desenvolvimento entre os antigos Egypcios, Gregos, Romanos, e Persas. Herodoto, Diodoro de Sicilia, e Diniz de Halicarnasso serviram-lhe de guias a par dos modernos escriptores Biékh, Niebhur, Laucet, Dureau de La Malle, e Francis Gladwin na sua rarissima traducção da obra persa *Ayeen Akbery*.

Os primeiros cadastros topographicos modernos, conhecidos na Europa, foram o do antigo ducado de Milão começado em 1719; o do Piemonte decretado em 1699, e o da republica de Genebra em 1700. Antes destes, nos principios do seculo XVIII, vio-se o cadastro (chamado provisorio) em quasi toda a Europa, na Inglaterra, na França, na Italia, na Suissa, na Alemanha, e na Hollanda; mas era formado sobre as declarações dos proprietarios, que depois de approvadas se lançavam n'um livro, sem serem acompanhadas de plantas do paiz, em que se designasse a propriedade. Dos topographicos o de Milão foi o unico, que pelo methodo adoptado para se realisar e conservar, servio com razão de modelo aos trabalhos deste genero comprehendidos no presente seculo. E' um erro vulgar suppôr a França inventora do systema, e conceder ao seu cadastro parcellario as honras de mais perfeito. Decretado em 1791 pela Assembleia Constituinte para indicador da repartição do imposto predial, determinou-se que a sua base fosse o levantamento das plantas dos concelhos coordenadas em referencia aos grandes triangulos da carta da Academia das Sciencias. Em 1808, porém deu o Imperador começo á empreza, e em 1811 publicaram-se as suas admiraveis instrucções para o cadastro parcellario. Nesta bella collecção encontram-se os principios fundamentaes do cadastro Milanez. — A arpentagem das terras e o levantamento das plantas dos concelhos, com a designação de todas as propriedades e parcelas, d'onde tirou o seu nome este cadastro. — A classificação dos terrenos para a avaliação do rendimento; o rendimento calculado sobre a producção de um dado numero de annos, reduzida a dinheiro e deduzidas as despesas da cultura e os accidentes fortuitos. — A permanencia das avaliações como garantia do proprietario, e estímulo á sua industria. — E a regra de consignar nas matrizes cadastraes as transmissões da propriedade, nas mudanças que experimenta todos os dias quanto ao proprietario.

Encerra ainda outra base do systema milanez, em estabelecer um só cadastro para toda a superficie do Imperio, declarando o valor do rendimento de todas as propriedades, de maneira, que repartir a contribuição era depois o acto mais simples e claro. Por este methodo, como dizia Napoleão em Santa Helena, o cadastro havia de vir a ser a verdadeira garantia da propriedade e da sua independencia; porque fixada pelo legislador a somma geral do imposto cada individuo estaria habilitado para fazer a sua conta, sem nada temer do arbitrio da auctoridade; e mesmo com

o tempo havia de servir de titulo para provar a propriedade. Por este systema o cadastro decretado em 1808 offerencia o *desideratum* de um bom cadastro: — estabelecendo a base justa da repartição do imposto predial; e dando aos proprietarios, o que só elle pôde dar, a solida garantia das suas propriedades.

Com a queda do imperador em Waterloo alterou-se o pensamento do cadastro, apenas começado. A restauração, aceitando-o, mantilava-o, na lei de 31 de Julho de 1821, reduzindo-o a puro e mero instrumento para a repartição das contribuições, e despojando-o da grande regalia de poder servir de tombo da propriedade. Em vez de um só, que representasse o rendimento predial collectavel, fizeram-se tantos cadastros quantos eram os concelhos; cadastros locais, desligados entre si, e falliveis desde que se pretendia tirar alguma consequencia mais geral. Se por elles se podia achar a igualdade proporcional entre os contribuintes do mesmo concelho, era desigual sempre a repartição do imposto entre as provincias, comarcas, e concelhos entre si.

Nos ultimos tempos o governo dynastico de Luiz Philippe, guiando-se pelos trabalhos de uma commissão especial, tinha approvado os seguintes principios para reformar o cadastro.

A renovação, tanto das plantas topographicas como das avaliações, de trinta em trinta annos.

A inscripção das mutações da propriedade posteriores á renovação do cadastro, nas matrizes e nas plantas parcellares.

A obrigação de assentar da mesma epoca em diante as transmissões de propriedade, authenticas ou particulares, nas divisões cadastraes, onde estão situados os bens. Os herdeiros eram obrigados a igual declaração quanto ás successões, e os notarios nos actos, que se referissem á contestação de dominios ou a limites de predios.

Estas regras aperfeiçoão de certo, acompanhadas de outras analogas, as operações cadastraes, mas ainda deixam de pé os dous defeitos essenciaes da lei de 31 de Julho de 1821. O cadastro assim limitado serve só para repartir a quota do imposto entre os habitantes do mesmo concelho, e não para o dividir equitativa e proporcionalmente entre as provincias, comarcas, e concelhos; por este methodo apenas se prova o facto da posse, e nunca o direito da propriedade, não podendo por isso ser tomado para base do systema hypothecario, e auxiliar a solução das questões de credito predial.

Hoje os homens praticos e sabedores da sciencia concordam nas seguintes regras, como principios essenciaes para a formação de um perfeito cadastro. — Não tomar o seu uso em relação ao imposto senão como uma das suas diversas applicações. Fazer delle a grande planta do paiz, a descripção de toda a propriedade predial, o inventario do valor dos productos, e o tombo dos titulos dos proprietarios.

Para este objecto se prehencher, os triangulos das plantas cadastraes devem ser levantados em harmonia com os triangulos da planta geral do paiz. Não a havendo, a grande triangulação desta deve preceder a triangulação parcial do cadastro. A avaliação do rendimento dos predios convem faze-la por um plano geral applicavel a todo o reino, de forma que a mesma cifra represente sempre a mesma renda. A' medida que se organizar o cadastro devem terminar-se as contestações existentes sobre limites de dominios ou posse de predios.

Concluido o cadastro e publicado como lei definitiva é preciso declarar, que é elle o unico titulo de propriedade predial, e adoptarem-se as provisões indispensaveis para referir nas respectivas matrizes as mutações quasi diarias dos predios, repetindo-as nas plantas dos concelhos.

E' por este systema uniforme, simples, e amplo, que as operações do cadastro se devem dirigir e começar. Em Portugal, para o qual é tudo novo desde os rudimentos, entende o Sr. Avila que deve seguir-se o exemplo da Sardenha em 1845, como o mais conveniente. O seu voto, é que se escolha uma commissão de engenheiros, economistas, agricultores, e juriconsultos, para ella, depois de estudar a materia a fundo, resolver a questão das tres operações essenciaes no cadastro — a medição dos terrenos — a avaliação dos productos — e o melhor methodo para o conservar sempre ao corrente das mudanças diarias da propriedade, quanto á posse.

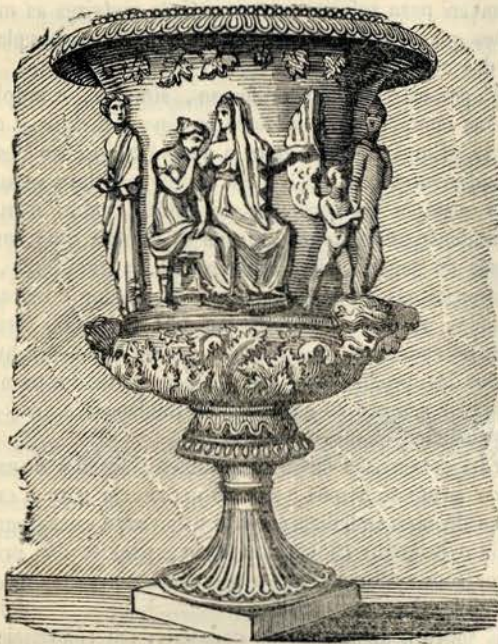
Esta commissão devia incumbir-se tambem de examinar se nós tinhamos o pessoal necessario para a execução de taes trabalhos; e não o havendo encarregar-se de o preparar com antecipação, para se não principiar sem systema fixo, e operarios convenientemente habilitados.

E' sobre a applicação do cadastro, em referencia a Portugal, que desejaríamos obter maior desenvolvimento. A estreiteza de limites, que impõe um relatório prende o Sr. Avila, e impedio-o de profundar com mais pausa a questão pratica do paiz. Seria optimo, que o laborioso escriptor descesse ás particularidades da execução Milaneza, e por ellas fizesse as applicações a este paiz. E' tão nova a materia para nós, e repugna a tantos preconceitos, que muito conviria que o auctor da unica obra, que sobre ella possuímos, lhe consagrasse mais algumas paginas.

Era utilissimo que S. Ex.<sup>a</sup> nos expozesse o seu voto sobre os meios peculiares, que pôde haver aqui para nos auxiliarmos d'elles na formação de um cadastro; que discutisse o methodo mais economico e facil de formar as matrizes e levantar as plantas de um cadastro, tomando o modelo estrangeiro mais perfeito para exemplo; e que exprimisse a sua opinião acerca da despeza provavel, e das origens das receitas creadas para a satisfazer. A maneira de tentar as operações; se deve ser por trabalhos parciaes ou collecti-

vos; se devem abranger logo o reino todo, cu limitar-se a um só ponto, é outra questão pratica interessantissima. Destas discussões havia de resultar de certo o completo convencimento dos mais incredulos. Esperamos, que S. Ex.<sup>a</sup> se não negará a ella.

O relatorio do Sr. Avila, e as notas que o desenvolvem são o documento de um estudo paciente, de uma critica sagaz, e da comparação severa das theorias com os factos. A sua leitura é de grande proveito para todos, e especialmente para os homens que se destinam á carreira dos negocios publicos. A esses a recommendamos sobre tudo.



VASO ANTIGO.

A ESCULPTURA foi entre os antigos levada ao gráu mais elevado de perfeição; e os bellos modellos que elles nos deixaram fazem ainda a deses

peração dos artistas modernos: a graça, a simplicidade, o gosto elegante e apurado das figuras, a harmonia e boa distribuição dos grupos dão aos chefes-d'obra da arte grega um encanto que poucos hoje podem attingir.

O primeiro periodo da arte grega é apenas a imitação da arte do oriente; o ornato é rico, é profusamente lavrado sobre todos os objectos; mas o desenho é incorrecto e sem belleza. No segundo, a natureza fornece já os modelos e a arte busca idealizal-os, sem com tudo lhe fazer perder o seu aspecto severo; a arte é por vezes dura, mas é sempre sublime. No terceiro periodo em fim, os angulos desaparecem, as formas arredondam-se e tornam-se mais graciosas; a arte perde a sua severidade, mas attinge melhor o bello.

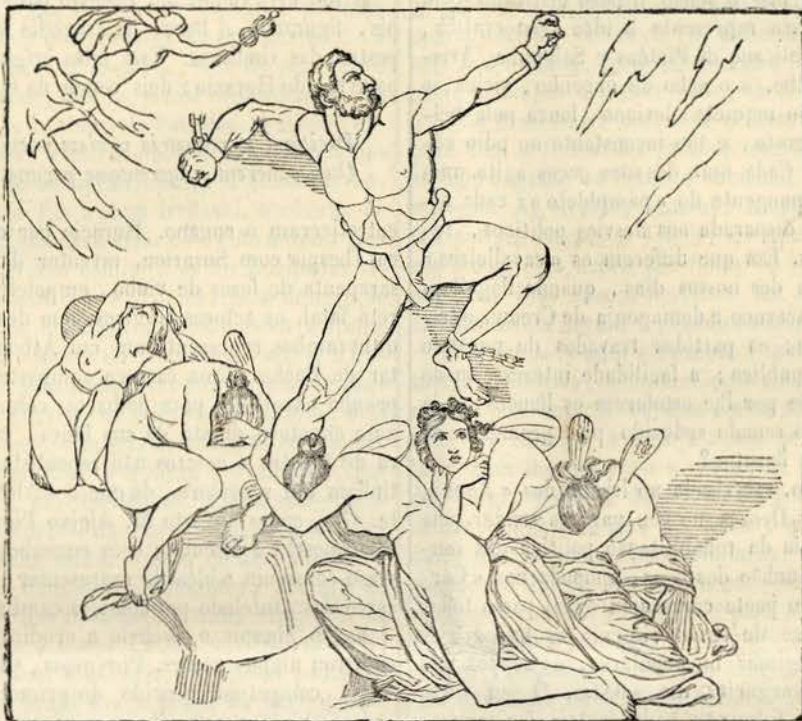
E' a este terceiro periodo, que pertence o bello vaso, que faz o objecto da nossa estampa.

Os gregos esculpiram um grande numero de vasos, e é nelles que ainda hoje encontramos grande parte dos modellos, que nos restam da arte antiga. A maior parte desses que hoje se conservam, foram os Romanos que no-os conservaram; estes conquistadores arrancavam sem escrúpulo á Grecia os formosos thesouros que produzira, para com elles ornarem os seus palacios e os seus templos. L. Scípião trouxe, depois de suas conquistas, para Roma, mil quatrocentos vinte e quatro libras de vasos de prata esculpidos, e mil vinte e quatro de vasos de ouro; por este unico exemplo se pôde fazer uma idéa da abundancia de objectos de arte, que a Grecia produziu, todos dignos de imitar-se, e onde os artistas modernos teem feito já, e devem ainda fazer muito severo estudo.

O vaso, de que damos um desenho, offerecemos-o aos nossos artistas como modello; porque é para desejar que elles se tornem tão perfeitos na invenção e no desenho, como por vezes se mostram na execução.



## LITTERATURA E BELLAS-ARTES.



### O PROMETHEU DE ESCHYLO.

A HISTORIA das epochas mythologicas diz-nos, que Prometheu era pai de Deucalião, e irmão de Atlas, rei da Arcadia. A lenda, descreve-o, como o ultimo da raça indomavel dos gigantes que o braço de Jupiter fulminou.

Antes e depois mesmo de Vico ter creado a « Nova Sciencia », allumiando-se nas trevas dos tempos fabulosos com a dupla lei da razão philosophica, e da interpretação dos factos pela philologia, os eruditos do seculo XVI contentavam-se com a letra das ficções heroicas, e deixavam perder o espirito. Não viam na allegoria mais do que a invenção, sem quasi suspeitarem que as poeticas imagens de Hesiodo, encerravam o genesis historico das eras duvidosas.

Hoje, no fim de trezentos annos, a crudição voltou-se para o estudo severo da Grecia antiga, e tenta evocar do tumulo os homens e as instituições, que a animaram. A gloria da iniciativa cabe á douta Alemanha, e é pizando os vestigios, por ella abertos, que a Europa a vae seguindo. Boeckh, n'um livro excellente, revelou-nos a economia politica de Athenas;

Creuzer devassou os segredos da religião Hellenica; Olfriede Muler, consagrando á sociedade Dorica a agudeza da sua critica, e a vasta sciencia do seu engenho, deram vida e sentido, ao que estava sepultado e inerte nos limbos de crassas dissertações.

O theatro de Athenas tambem accordou para nós, apparecendo em toda a realidade a esta civilização, feita para entender a que o inspirava. Eschylo, Sophocles, e Aristophanes, soldados-poetas, politicos e tribunos, que viveram das paixões da sua epocha, e incarnaram nas diversas formas da arte, o odio, as sympathias e as esperanças das parcialidades, em que se alistaram, já os podemos estudar segundo o seu coração, e chamar pelo seu nome, sem inverter a idéa e o objecto das suas obras. As republicas antigas não se podiam apreciar sem se ter descido, como nós, ao murmuro e ás facções da praça publica.

Guilherme Schlegel, Boekh, e M. Patin, nos seus estudos, sujeitando-se ao labor de uma obra vasta, vingaram a scena grega dos motejos de Voltaire, que a não conhecia no original, das herezias da eschola das tres unidades, e da traducção narcotica, em que o padre Brumoy deliu a pura e grandiosa poesia hel-

lenica em infusões de dessorada prosa franceza. Depois delles já é facil perceber o sentimento politico, e a philosophia do pensador e do cidadão, por entre a melopea dos côros tragicos e os cascaveis da gaiacomedía. Temos, em fim, o povo de Athenas retratado por si mesmo.

E Aristophanes não é senão o povo criticado pelo povo, como Pindaro representa a idéa aristocratica, e Eschylo, o republicano de Platêas e Salamina. Aristophanes é o espelho, e o echo do engenho, vicios, e facções dessa nação inquieta, leviana, louca pela belleza, escrava do gosto, e tão inconstante no odio como na admiração. Cada uma das suas peças agita uma questão na forma pungente do «pamphleto»; cada allusão é uma sêta disparada aos desvios politicos, religiosos, e sociaes. Em que differem os «cavalleiros» do libello politico dos nossos dias, quando flagellam com as varas do escarneo a demagogia de Creow, o tribuno omnipotente; os partidos travados de pugilato ignobil na praça publica; a facilidade interesseira do povo que se vende por lhe estofarem os bancos; e a gula asquerosa do senado seduzido pela promessa de ter enchôvas mais baratas?

Desde a religião, satyrisada no libello das «Aves», que bloqueiam os Deozes no ceu para os render pela fome, até á utopia da rehabilitação politica das mulheres e da communhão dos bens, apupada nas «Côrtes das Damas», o poeta corre com equal passo todas as questões, e fere de equal ridiculo as hypocrisias dos mascates religiosos ou populares, os sonhos dos visionarios, e as argucias dos sofistas. O seu verso corroe; a sua ira fulmina; cada motejo faz sangrar um remorso, ou corar as faces de um tartufo. Aristophanes é o Cormenin da antiga Athenas.

As suas comedias são o commentario indispensavel da historia de Thucidedes. Quando o rei de Syracuza pediu a Platão que lhe descrevesse os athenienses, o philosopho remetteu-lhe as peças de Aristophanes. Dava-lhe nellas o melhor quadro. Alli está inclusivamente o character, o gesto, e o pensamento do principe da Musa tragica. Eschylo, invocado para punir Euripedes, desenha-se com toda a individualidade; e esta rapida apparição diz mais, do que todos os escolias-tas, ou do que as conjecturas temerarias de alguns criticos.

Athenas era tão ciosa dos seus poetas, como da sua lingua, e da sua nacionalidade; os cargos e os commandos eram-lhes defferidos de preferencia; a sua gloria disputada e defendida, como riqueza da republica. Sofocles, pontifice e general foi collega de Péricles e de Thucidedes, salvou a patria na guerra, administrou-a na paz, e illustrou-a com as letras. Aquelle povo, que amolecia nos deleites, saudava a corôa poetica com tanto entusiasmo, como a victoria das arenas; prezava tanto a pureza do estyllo, e a correcção da frase, que uma hervanaria tinha o gosto apurado para notar falta de graça atica na linguagem do sa-

bio Teophrasto, ha vinte e cinco annos morador d'Athenas! Foi no meio de um tal povo que Eschylo se levantou, e deu ás tradições nacionaes da Epopeia, e ás tradições heroicas do povo, a vida e o movimento da scena. Na tragedia, Homero foi a idéa, Eschylo a forma, Sofocles a perfeição.

E' um erro vulgar dar Eschylo por successor a Thespis, figurando o berço da tragedia na carroça campestre das vindimas. Esta falsa origem é jurada nas palavras de Horacio; dois versos da epistola aos Pisões

*Dicitur, et plaustris vexisse poemata Thespis  
Quae canerent, agerentque peruncti facibus ora.*

entretiveram o engano. Horacio por descuido equivocou Thespis com Suzarion, inventor da comedia, e assarapanta de fezes de vinho, empoleirando-os na carreta fatal, os actores tragicos, que desde o tempo dos dithyrambos representavam em Athenas ao pé do altar de Bacho. Uma carroça campestre pôde ser uma peanha excellente para palhaços, como os que D. Quixote enxotava diante da sua lança, mas nunca servirá de theatro a actores não repentistas. Os de Thespis tinham um repertorio, de que o «Alcestes» fazia parte. Ora, como adverte M. Aleixo Pierrou, (por quem esta questão é discutida com engenho) repugna até ao senso commum a idéa de representar «Alcestes» n'um carro desmantelado por comicos cambaleando de vinho.

Entre Thespis e Eschylo a erudição paciente desenterrou alguns nomes. Phrynicus, Choerilus, e Pratinas, competidor vencido do primeiro tragico, não poderam luctar com elle, e serviram para degraus do seu throno. Guilherme Shlegel e M. Patin, como já dissemos, restituiram a este grande vulto da litteratura antiga a sua verdadeira importancia; e elevaram-lhe em premio as mais bellas paginas das suas obras. De feito, a arte antiga tem o segredo de ser casta mesmo no delirio do amor; a graça e o pudor revoam em volta della, e cobrem de um véo discreto as feridas ensangentadas das paixões, e a propria sensualidade dos affectos; e Eschylo, que Voltaire, sem o entender, apodava de *barbaro* é o modello, que Villemain cita para justificar esta observação tão justa como profunda.

Para perceber o pensamento de Eschylo é preciso conhecer o individuo, e a cidade. A alma e a razão do poeta, arderam ao fogo da devoção patriotica, e inspiraram-se com a scena guerreira de uma grande lucta, em que a victoria foi fiel á liberdade. A imaginação, que representou Prometheu ameaçando Jupiter, mesmo depois de ser vencido, fôra educada pela geração robusta, que partiu aos pés o diadema do rei dos Persas.

E' Aristophanes, quem o retrata. «Vereis a ira arder violenta como o raio no peito ao poeta de estyllo pomposo, quando o perseguir a loquacidade eterna do seu rival (é Euripedes de que falla). Então

« volverá a uma e outra parte os olhos ardentes; então romperá guerra terrível entre a sublime elevação da linguagem, e os trocadilhos do presumido engenho; o auctor de tantas agudezas virá succumbir debaixo do pezo marmoreo das frases do grande inventor. E este, sacudindo como juba densa, os seus cabellos, e carregando o sobrolho tremendo, fará soar no espaço, pela sua voz de gigante, periodos mais travados, que o cavername de um navio!... »

Eis Eschylo, que se levanta, vivo de pé. Eis o soldado de Marathona, que no pleito respondeu ao seu rival — « Cantei as façanhas de Patroclo, e as de Teucro, filho dos liões, como Homero, inspirei aos homens, o desejo de os imitar apenas a trombeta annunciasse á peleja. » Eis a alma irritavel, e soberba de um justo orgulho, que exclamava: — « As minhas tragédias, não morrerão comigo; as de Euripedes viverão menos do que elle. » Vêmos, pela descripção relampejar os olhos de fogo, e illuminarem a frente olympica; a juba espessa do leão eriçar-se, e o rugido estremecer o provocador, mesmo quando se chama Euripedes. Á guerra, ao esforço, á victoria, e ás armas, como Homero, consagra unicamente os hymnos. As fraquezas do coração, a ternura dos affectos, parecem-lhe crimes, são-lhe odiosas. « Não sei — brada elle com desprezo, — não sei se uma vez na vida invoquei a Musa para cantar o amor de uma mulher. »

Eschylo, como Camões, e Cervantes, provára do prazer inebriante das batalhas, e tinha visto mui de perto a morte para a temer. Voára nas fileiras sintilantes dos esquadrões, e o Persa, expirando podia attestar, que o seu braço era o braço de um gigante. Nascido na Olympiada sessenta e tres, ou no anno de 525 antes da era christã, foi contar trinta e cinco de idade ao campo da peleja. Descendente dos « Eupatridas, » que se diziam filhos da terra, com o leite da infancia bebêra o odio á servidão, o amor da patria, e os dogmas da robusta philosophia Pytagorica. Iniciado nos misterios de Ceres, e filho daquella raça, dár pela patria ate á ultima gota de sangue era um dever sagrado para elle. Plateias, Salamina, e Marathona, onde cahiu ferido, viram-no firme combatendo pela santa liberdade da Grecia. De seus irmãos, um morria como heroe, outro era coroado como o primeiro entre os valentes.

Eschylo, como as almas rijamente temperadas, não occultava o orgulho da sua arte, e da sua devoção civica. Vencido na scena por Sófoeles, desterrou-se da patria voluntariamente, e foi a Syracusea encontrarse com Pindaro. Quando a morte lhe cerrou os olhos, na Sicilia, gravaram-lhe sobre o tumulo este epitafio todo da sua mão.

« Este monumento cobre Eschylo, filho de Euphorion. Nasceu Átheniense e morreu nas fertes planicies de Gela. O bosque tão afamado de Marathona, e o Meda de longas tranças dirão se o valor lhe desmaiou — de perto o viram! »

Nem uma palavra para lembrar o escriptor! Grande como Vate, escreveu para si o epitafio do soldado, e deixou á posteridade o cuidado de repetir o do poeta. Vencido nas lides litterarias, o titão da arte, como o seu Prometheu, respondia como o silencio ao martyrio do orgulho.

A poesia de Eschylo é a sua alma. Em quanto Pindaro em um estylo sublime pela magnificencia e harmonia dorica, celebrava as delicias da paz e a ventura dos estados, que um só rege, onde a vida fugia entre principes e poetas, imagem dos heroes antigos, o poeta dramatico, acordava o coração amollecido do povo com o terror das paixões tragicas. Inspirando-se ao fogo sagrado da Epopeia nacional, Homero é o seu modello. As virtudes asperas; o combate e a queda dos antigos Deoses e Titões; as memorias do tempo em que a raça nobre dos filhos da terra era vencida por uma raça menos heroica; são os quadros, que elle desenrola severo e grandioso diante de Athenas.

Pela saudade ama a elevação e a magestade da natureza primitiva; pela tradicção admira a epoca heroica; pelo coração os seus versos só invocam a virtude e o esforço. A lisonja nunca se assentou ao seu lar; nem lhe manchou a penna. Á gloria, só, rendeu culto, e diante della, irmão pela alma, e pelas armas, entoa o hymno dos fortes, que em tantos seculos não morreu. Poeta profundo, a sua Musa não conheceu o amor, nem os ternos sentimentos; pensador grave, a sua analyse, é para obter a verdade e a divulgar aos homens.

Em Prometheu o destino tragico da humanidade está resumido no symbolo heroico. Poema philosophico, o primeiro de que se houram as lettras, falla á nacionalidade, revocando d'entre as ruinas do mundo, que passou, a antiga força dos gigantes, e a indomavel audacia da sua resistencia. Debaxo das cores da allegoria ensina aos pensadores que a força physica pôde deter o espirito, mas não vencel-o. Um dia Prometheu (o espirito) quebrando as algemas ha de reinar em nome do futuro; porque a tyrannia quando muito, tem de seu só o presente.

Descrevemos o poeta, quanto era possivel no breve quadro de um artigo; agora, resta-nos tentar uma succinta noticia do Prometheu de Eschylo, donde se inspirou Flaxman para o bello desenho, que damos na estampa principal.

A acção, o enredo que depois constituiu a obra dramatica, não existe rigorosamente em nenhuma das peças de Eschylo. Aristoteles definiu-as, com justiça chamando-lhes « *Tragedias Simplicis.* » O Prometheu tem uma situação unica; o interesse não dimana das peripecias, reside na successiva gradação das paixões. Cada personagem é um character simples, ou mais exacto, o sentimento, a idéa, que nasce do momento, e se apropria á conjunctura presente. *Lemercier*, que no seu « *Agamemnon,* » se mostrou digno interprete do antigo poeta, caracteriza esta unidade absoluta n'uma

frase pittoresca. « São linhas paralellas; » mas da sua harmonia e pureza provem o effeito grandioso e monumental do poema. Esta apreciação de Eschylo, resumida por Mr. Pierrou, das observações de Schlegel, de Mr. Patin, e ainda de Baeckh no seu livro dos principaes tragicos gregos, é tão perfeita como luminosa. Reproduzindo-a quasi textualmente, evitamos uma discussão, que seria talvez erudita, mas que de certo era mais soporifera ainda.

A scena abre-se, em uma montanha entre a Europa e a Asia. Prometheu, vencido, é cravado no rochedo por Vulcano. O Poder e a Força aguilhoam a inergia do ferreiro divino, que relucta entre a amizade e a obediencia. Bem depressa, o Titão estorcido nas algemas, que lhe vincam as mãos e os pés á rocha, sente o dardo varar-lhe o peito, e gemer rompendo as fragas. Durante o supplicio a voz dos verdugos incessantes flagella a dôr da victima; Prometheu só responde com o silencio do desprezo. Orgulhoso na queda, como na grandeza, infamar-se-hia se a bocca exhalasse o menor suspiro. Aquelle coração estalla, não geme. Suspenso nos ares, as tempestades, queimam, passando-lhe sobre a frente; com os olhos do espirito descobre ao longe o Atlas, seu irmão, curvado sob o polo, que peza o mundo; — Typhon, o mais audaz dos gigantes, sepultado nas voragens da terra, a vomitar pelas boccas do Etna o fogo inextinguível da raiva. As Oceanidas formam o côro; o velho Oceano, Jo, filha de Jnacho, e por fim Mercurio, procuram arrancar de balde ao vencido uma fraqueza, e acham-no sempre inflexivel como o destino. Prometheu, sabe que o seu imperio é do futuro, e não cede á dôr do martyrio, nem ás promessas e terrores de Jupiter.

A simplicidade da acção não pôde ser maior, mas quem poderá imitar a sublimidade do verso, que parece esculpir em marmore a idéa; quem eguala nunca a magestade do pensamento gigante, que domina esta paixão do antigo Deus, cruxificado como Messias da liberdade hellenica? As lagrimas do Titão são de fogo; a sua grandeza immensa como a dôr: a sua voz, mesmo captivo, faz vacillar de susto a tyrannia no seu throno. Prometheu não padece por ter crime, copia a virtude. E' preso por algemas de diamante ao presente, que aborrece, sente pungir nas entranhas o abutre do desejo, e espera impaciente a hora predestinada, em que se ha de libertar. Os seculos vão cahir aos seus pés; o tempo será a sua agonia, a esperança a sua força. No futuro está todo o poder, a liberdade.

Prometheu, quer dizer Vidente. O mytho grego deu á allegoria o nome, que a explica. Prometheu é o espirito, o progresso, a civilização. Symbolo da cultura e do pensamento livre; a sua culpa foi não aguardar a hora propria de se revelar aos homens. Jupiter, a idéa antiga, accusa-o de ter roubado ao ceu o fogo divino para o dar aos mortaes. Prometheu era o che-

fe da raça de Japet e Deucalião, população « autochthona » ou dos filhos da terra, que a invasão Egyptica repellira para as montanhas. Na mythologia é o typo da resistencia hellenica ao sacerdocio Egyptico; a idéa da independencia nacional opposta á servidão estrangeira. Nelle incarnou a lenda o character inquieto e revoltoso dos gregos primitivos, e o seu ingenho inventivo e innovador. A esta lucta, que perdera nas trevas dos tempos a phisionomia humana, deu a tradição uma fôrma poetica, e como o povo usa sempre, symbolisou no individuo, no chefe da resistencia, a gloria, a saudade e o martyrio, que a engrandecem.

Eschylo, descendente desses mesmos Eupatras, ou filhos da terra, que Prometheu representa, consagrando na tragedia um facto nacional recordava as tradições honrosas da sua familia. Soldado de Marathona devia um hymno ao infortunio da resistencia heroica; cidadão austero recordava as prophcias do Vidente como promessas divinas e leis do destino; a liberdade da Grecia era o futuro, e esse triumphava já em Plateias e Salamina. Discipulo de uma eschola severa a philosophia de seu poema humilhava a força e o poder diante da constancia da victima, provando á tyrannia, que o silencio de uma alma forte é mais vingador do que todas as invenções da ferocidade.

Em Eschylo, Prometheu, significa a civilização. Antes delle os homens vião, porém estavam como cegos; semelhantes ás palidas imagens dos sonhos as suas idéas eram nevoentas e confusas; os seculos succediam aos seculos, e para elles não havia ainda luz da razão. E' á voz do Vidente, que a architectura nasce; que a sciencia dos astros começa, e a dos numeros se fôrma. Os animaes sujeitos ao arado rasgão a terra — a « Cibelle » grega. As ondas curvão-se ao lenho alado do argonauta. A morte recua do leito do enfermo; o céu é patenteado á divinação humana. O inventor de todas as artes, o fundador da sociedade politica, o pontifice da religião hellena, é Prometheu. O fogo, razão, espirito, e lei de liberdade, é a sua ultima conquista, e por essa, vai aguardar o tempo, e anhejar o futuro nos rochedos da Scythia.

Eis o que significa para Eschylo a catastrophe do Titão. Jupiter, symbolo da theocracia tyrannica, trema da liberdade, e crê algema-la para sempre pela immobibilidade das instituições. Mercurio, offerecendo a paz a Prometheu em premio de lhe declarar o segredo, que ameaça o imperio sacerdotal, é a idéa da transacção, entre o poder religioso e o principio innovador. Prometheu recusa; e a theocracia ainda é bastante forte para subjugar a resistencia; porém a voz do futuro cada vez soa de mais perto, e a hora aproxima-se, em que o Messias da antiguidade, nas azas do desejo, romperá os laços, inaugurando a epoca do progresso, gerada pela propria theocracia nas suas forçadas relações com o povo; porque o futuro por força chega um dia.

Eis o sentido deste mytho, que resume um grande pensamento, e uma eterna verdade. A musa tragica nunca chorou sobre maior infortunio, nem a poesia subio a maior gráu de philosophia historica. Esta peça, escripta talvez antes da batalha de Marathona, é um glorioso testemunho de esperança na liberdade. Eschylo, cuja fecundidade dramatica parece incrível, nas oitenta peças que lhe attribue Suidas, de certo não excedeu a profundidade, e a magnificencia deste assumpto.

O desenho da estampa é fiel á sua inspiração. Os musculos do Titão, avultam e palpitam, na contorção da dôr e da impaciencia. Nos olhos arde o fogo da ira, e da esperança. A fronte arquea-se espaçosa e exprime a grandeza e a audacia. A bocca vive e parece brotar em delia, em torrentes, a indignação e a ameaça. Nos membros, contrahidos e pronunciados, ha o esforço de quem fórma o impeto para de um golpe romper as prisões dos Deuses, e voar no espaço. No côro das Oceanidas, realção figuras excellentes, e a expressão das fisionomias traduz a magoa — em toda a naturalidade. O velho Oceano tem vigor no desenho, e felicidade de posição e de gestos. Eschylo foi comprehendido; a scena offerece a elevação e a magestade, que na poesia talvez façam d'ella a deseseparação da arte antiga, e a dos modernos.

## ODIO VELHO NÃO CANÇA.

ROMANCE HISTORICO.

### CAPITULO II.

(Continuado do n.º 2.)

A scena, a que o leitor vai assistir apertava o coração de ancia no peito aos que a presenciavam. Os ultimos instantes de Sancho I aproximavam-se, e nesta hora suprema, em que um reinado desaparecia no occaso, e o outro já se podia dizer no começo, o derradeiro adeus do pai e do monarcha ao herdeiro da sua corôa, era um espectáculo de dôr, e um motivo de receio para quantos o iam escutar.

Quando o infante entrou no aposento, e com elle os ricos-homens e alguns dos cavalleiros principaes, o rei tinha sido tomado de um desmaio. D. Affonso avizinhou-se da cama e pegou-lhe no braço. D. Sancho já tornava a si, e, abrindo os olhos, fitou a vista pasmada ora n'uns ora n'outros, sem conhecer ninguem. A final abaixou-a lentamente para o sitio aonde o filho estava ajoelhado. Affirmou-se, duvidou, tornou a affirmar-se, e meio levantado no cotovello deitou-lhe um braço ao pescoco, exclamando com alegria:

— « Filho!... filho da minha alma! »

O infante não teve forças de responder. Encostou a cabeça no hombro do pai, e reprimia a custo os soluços, que se lhe estrangulavam na garganta.

— « Já me tardavas, Affonso, dizia o rei passando-lhe os dedos pelos cabellos. Ia cuidando que te não tornava a vêr, filho! »

Virando-se para o monge de Cister, o monarcha accrescentou:

— « Não cheguei a vêr meu pai — morreu um dia antes de eu chegar. Em fim ouviu-me Deus, ainda tornei a abraçar meu filho que pezo se me tirou d'aqui, Jesus!... Agora, quando for chamado a contas... e que estreitas contas, Senhor! É por elle, e e apontava para o filho. É pelos irmãos, é pelo reino, é por todos, por todos... Chego a duvidar da salvação, padre! »

— « Pois não vos haveis de salvar! redarguiu o abade. É peccado desconfiar da clemencia divina. O sangue da Paixão correu para lavar as culpas dos que se humilham diante da face do Juiz. »

— « Eu sei! acudiu o rei com ancia. Não se me tira isto d'aqui. »

— « É preciso tiral-o, tornou o monge. Sabeis a historia do filho que se despiu para tapar a nudez do pai, e appareceu vestido de graça aos olhos de Deus. A Igreja, esposa de Christo, é nossa mãe espiritual. Alli está — ajuntou, indicando o pergaminho — o que peza mais diante da sua misericordia, do que a vida do maior peccador diante da sua justiça. »

O pergaminho era o testamento de Sancho I.

Um sorriso fugiu quasi imperceptivel pela bocca ironica do notario, que olhou ao mesmo tempo para D. Affonso. O principe, carregando o sobrolho, respondeu-lhe com outro, que parecia dizer — « entendo! »

Em quanto o monge prégava esta bella theoria utilitaria, D. Sancho esteve com a cabeça debruçada sobre o peito. Levantou a vista, depois, e por muito tempo mirou o infante sem fallar.

— « És o retrato de tua mãe, Affonso — suspirou em fim, em tudo te pareces com ella; a bocca, os olhos, até a voz é a daquella santa que eu perdi... que perdemos, ambos, filho. »

— « Oh querido pai da minha alma! »

— « Isto havia de ser por força, um dia antes, ou um dia depois. É hoje... Affonso, tenho que te recomendar muita cousa. Estava-te escrevendo agora. Teu pai pedia-te a esmola de o enterraes na humidade deste habito, ao pé da sepultura de teu avô. »

— « Ha de se fazer » retorquiu o infante com melancholia.

— « Aquelle manto e aquelle sceptro vão ser teus, d'aqui a minutos... Deus sabe que os não choro, que não levo saudades delles. Tambem me ceguei com essas vaidades, mas hoje... não me enganam. Não se dorme n'um travesseiro de espinhos, molhado das lagrimas do povo, Affonso... Eu commetti peccados de

homem, mas sobre tudo peza-me das culpas e dos crimes de rei. Tenho medo da voz que ha de bradar por justiça com que lhe eu faltasse; horrorisa-me só só cuidar que o sangue dos que feri sem causa se levantará contra mim... Filho, teu pai ás portas da eternidade roga ao herdeiro da sua corôa que lhe dê a paz da consciencia. Affonso, dá-me esmola com que restituia aos que offendi.»

As palavras eram de supplica, mas o tom de voz era de quem manda e quer ser obedecido.

— « Quanto el-rei mandar será cumprido, volveu o principe. Juliano, continuou virando-se para o notario, é esse o testamento? Lêde.»

O testamento rezava de ricos legados aos Templarios e Hospitaleiros. D. Affonso approvou, dizendo como para si; — « E' justiça: Andam ás lançadas com os mouros da fronteira.»

Vinham doações em dinheiro e terras ao mosteiro d'Alcobaça. A parábola do veneravel abbade de Cister estava explicada. D. Sancho despia o seu herdeiro para edificar mais uma casa aos eremitas do povoado. O infante franziu as sobrancelhas e carregou e rosto, dizendo só — « adiante!» O abbade respirou vendo passar sem gloza a sua importante verba.

Seguiam-se doações a D. Maria Paes Ribeiro, e aos filhos que della tivera el-rei. Liam-se finalmente copiosos legados de castellos, villas, direitos reaes e thesouros, aos irmãos legitimos do infante. A paciencia foi vencida pela cholera, e o principe, com o rosto escarlate e a voz estridente, bradou:

— « Sancta Virgem! Quebram-me a corôa em bocados, repartem-na, e dão-me o maior por mercê de nascimento? Enganaram-se. Não a hei de receber senão inteira como a deixou meu avô, e meu pai a trouxe. — E virando-se para D. Sancho, cada vez mais acceso em indignação, — Quantos reis fazeis aqui em Portugal? Em Alemquer é a rainha D. Sancha; em Montemor é a rainha D. Thereza. Villa do Conde a D. Maria Paes. Os maravedis de Thomar, de Santarem e de Coimbra espalhados ao vento... O rei que morre corta o braço direito ao rei que fica, deixa-o pobre... oh! estes monges, estes monges! Isso nunca em quanto eu me chamar Affonso.»

O ciúme do poder real, origem, depois, das contendas civis entre D. Affonso e suas irmãs, acabava de se descobrir em toda a força. D. Sancho escutou em silencio as primeiras palavras do infante; depois gradualmente se lhe animaram as feições, e a final fuzilou nos olhos amortecidos a faisca daquella ardente cholera, que os mais valorosos tremiam d'arrostar. Sentando-se com impeto no leito, e fechando o punho com furor, exclamou em voz fraca mas distincta:

— « Affonso, D. Affonso, quem é aqui o rei ainda?»

Tinha razão. A cholera galvanisára um momento o cadaver. Era outra vez D. Sancho I antes de o tomar o terror da morte e de se arrastar nas cinzas da pe-

nitencia. Era todo aquelle soldado de Silves, que, entrando pela mina, a golpes d'acha estalava o coração das rochas. Era de novo aquelle rei, que, arrancando pela mão dos saídes os olhos aos conegos de Coimbra, com o sangue delles escripto, atirava um cartel arrogante á tiara papal de Innocencio III.

D. Affonso, porém, tinha nascido filho daquelle pai. De character mais concentrado, nos lances extremos era tanto ou mais indomavel, que o proprio Sancho I.

— « Agora o rei sois vós! clamou o principe, respondendo á pergunta ameaçadora do monarcha. E oxalá que Portugal não tenha outro muito tempo. E em quanto assim for sois senhor; o infante nem vê nem ouve.»

— « D. infante!» brador Sancho com ira.

— « Mas o rei D. Affonso, continuava o filho, quando pozer a corôa na cabeça ha de pô-la inteira, ou não a põe. Hoje Mandais, vós, sois rei; e o primeiro a obedecer sou eu. Desgraçado do que amanhã me não fizesse outro tanto... a mim!»

Era uma resolução inabalavel tambem. D. Sancho conhecia de mais o infante para saber que nenhuma força ou temor o abalava. Por isso, e porque lá dentro lhe dizia a consciencia que, se o irmão peccava, o rei de Portugal fazia o que elle mesmo tinha feito, D. Sancho mudou de tom:

— « Oh Affonso, que não sejas, que nunca fosses irmão de teus irmãos! Deus sabe com que dôr aqui os levo atravessados — e apertava o coração com magua. — Elle te não castigue nos teus filhos.»

— « Como rei não conheço senão vassallos.»

E cahiu tudo n'um silencio constrangido. Passado breve espaço o rei ergueu a fronte, e ajuntou com tristeza:

— « E os outros, Affonso, os outros que tambem são irmãos?»

— « Os filhos de D. Maria Paes?»

— « Deixo-lhes honra e riqueza, mas comigo perdem o que se não suppre... Affonso, tu és secco de coração; mas pelo amor de tua mulher, pela ventura do teu Sancho, avalia nas tuas entranhas de pai a minha afflicção — dize-me, quando eu faltar has de ser o pai dos meus filhos?»

— « Pela cabeça do meu Sancho, e pela alma de minha mãe o juro.»

— « Não faltas ao teu juramento, bem sei... A respeito delles morro descansado.»

A pallidez do rosto a cada instante se fazia mais livida. Os olhos sumiam-se, e a respiração era curta, preza, e rouca. Mirou muito tempo pela fresta como quem se despedia do céu, das flores, e das aguas do Mondego. D'ahi, virando-se para Sueiro Raymundo, disse com melancholia:

— « N'um dia como este tomei Silves. Não bole folha! Que saudade isto faz. Quem me havia de dizer que aquelles cercos e combates haviam de vir a parar n'isto?»

E olhou outra vez, com maior tristeza ainda.

De repente arredou a vista, e como por um grande esforço murmurou: — « Cerrem-me aquella fresta. »

Depois, asserenando, armou-se de resolução e disse: — « D. Affonso, filho, um abraço! — e mais baixo: — rei moço, não te cegues; toma exemplo de mim. Cuidado com a velhice, com as contas finaes. Adeus, filho. E' uma viagem, Sueiro Raymundo; supponham que fui á Terra Santa e me demorei. Meus cavalleiros, o rei que fica pagará as dividas que deixa o rei que morre. » E tornou-lhe a mesma tristeza.

— « E escapar eu ao cerco de Santarem! Não haver uma setta que me varasse em Silves... Era melhor do que isto! »

E' que D. Sancho, filho de um soldado, acalentado no escudo paterno pelo embate das armas, chorava pela morte do guerreiro. Um pequeno espaço esteve assim, e, cruzando os braços, exclamou suspirando:

— « Faça-se em tudo a vontade de Deus! »

E cerrou as palpebras como quem não queria vêr mais nada. Uma sezão de febre, e com ella o delirio, arrancavam-lhe palavras soltas e incoherentes, como de homem que adoeceia mais da afflicção moral do que das dôres physicas. A idéa da orphandade dos filhos voltava-se como um espinho a retalhar-lhe o coração.

— « Levem essas creanças: seu irmão que as não veja... olhem o infante!... Digam ao senhor papa... oh Affonso!... »

Depois, passando repentinamente a outras lembranças, fechava o punho, e estorceia-se com violencia na cama.

— « Esses monges eu os ensinarei!... ah, bispo do Porto, não fazes bem em roçar a mitra pelo meu elmo, pódes partil-a... Escutem! naquella cervilheira ha uma malha descaida... Assemtem o fio á acha d'armas; está embotada daquellas rochas de Silves... sellem o cavallo murzello... vamos; é menos que uma caçada de javali! »

A um signal do physico ou medico saíram todos, menos o bispo de Coimbra. O infante nem mais palavra proferiu. Enfiou salas sobre salas, até ir assentar-se em um escanho, com o rosto entre as mãos. Falavam-lhe não respondia, tocavam-lhe não sentia, nem a voz amiga do seu collaço Gomes Lourenço o acordava daquella apathia. O sol escondeu-se detraz dosouteiros, as trevas apertaram até cerrar com a noite, e elle sempre do mesmo modo. A lua abriu cedo, e uma golphada de luz branca veio tremer um pallido reflexo na armadura do principe, pendurada nas paredes. A pouco e pouco o sentido do ouvir foi-se despertando. Julgou distinguir a toada das orações da igreja na agonia; cuidou escutar o dobre fúnebre dos sinos de Santa Cruz; imaginou perceber o chorar de muito povo, mas confuso tudo, esvaído, sem ter força para se mover d'alli, ou animo, ao menos, de olhar pela janella fronteira.

A final empurraram a porta do seu quarto, e, sem saber como, o infante deu por si estacado no meio da casa. Cahiram-lhe as nevoas dos olhos. Abaixou a vista, e achou ajoelhado diante o mordomo da Curia; que, entregando-lhe o anel de seu pai, soluçou suffocado:

.. « Aqui está, senhor rei, o sello do reino. »

D. Affonso recebeu o anel. Quando o passava no dedo entrou pelo aposento uma como fumarada de vozes em canto religioso, e o sino da cathedral bateu uma pancada lugubre. O principe estremeceu, e, levando a mão ao peito, acenou ao mordomo da Curia que se podia retirar. Apenas elle sabiu, desafogando nos braços de Gomes Lourenço, D. Affonso exclamou a chorar:

— « Ai D. Gomes sou rei, mas já não tenho pai! »  
(Continua.)

## CHRONICA DA SEMANA.

### INTERIOR.

#### PEÇAS OFFICIAES IMPORTANTES.

Por um annuncio se publicou que as notas do Banco seriam recebidas pelo valór de 2.340 réis durante a semana.

— Annunciou-se o pagamento da quinzena de Março a algumas classes, nos dias 4 e 7.

— Lei, já votada pelas côrtes, auctorisando o governo a cobrar as dividas á fazenda publica, provenientes das contribuições e impostos vencidos de 1 de Agosto de 1833 a 30 de Junho de 1847 pelo modo seguinte:

As dividas anteriores a 1 de Julho de 1845 em notas.

As posteriores, dois terços em notas e um terço em metal.

— Lei, approvada pelas camaras, auctorisando o governo a extinguir, supprimir, e organizar as collegiadas do reino.

— Lei, elevando a 3.600.000 réis o subsidio annual de 2.400.000 réis, estabelecido para o asylo de invalidos de Runa.

— Lei, approvada pelas côrtes, mandando que as publicações litterarias periodicas não paguem porte nos correios; e as politicas paguem o porte uniforme de dez réis.

— Uma portaria pedindo a thesouro uma relação dos concelhos, onde se não acham ainda feitos os lançamentos dos annos anteriores a 1845 — 1846.

— Lei, votada pelas côrtes, determinando que os officiaes generaes reformados sejam considerados como addidos a alguma praça.

#### CORTES.

— Na sessão do dia 3 na camara dos Pares começou-se a discutir o parecer da commissão de fazenda sobre o projecto de lei já approvado na camara dos deputados, que regula a forma de pagamentos em notas: este parecer foi só assignado pela maioria da commissão, sendo a minoria della de uma diversa opinião, que tambem trouxe á camara n'um outro parecer por ella elaborado.

Na sessão do dia 4 continuou a mesma discussão.

Na sessão do dia 5 foi approvado o parecer da maioria da commissão de fazenda por 25 votos contra 21.

Na sessão do dia 6 houve uma discussão sobre uma proposta do Sr. visconde de Sá, para que se promovesse na camara dos deputados a discussão da lei eleitoral. Discutiuse depois, e approvou-se um projecto de lei auctorisando o governo por tempo de trez mezes a cobrar os impostos a

mais rendimentos do estado vencidos no anno de 1848 a 1849.

Nas sessões dos dias 7 e 8, discutiu-se na especialidade o parecer da commissão, sobre pagamentos em notas, que fôra approved na generalidade na sessão do dia 5.

Na sessão do dia 3 na camara dos deputados teve lugar uma discussão sobre um projecto do governo em que se propõe a approvação dos decretos das dictaduras passadas. Foi approved um projecto de lei sobre reclamações brazileiras; e outro sobre a reforma do major Reixa.

Na sessão de 4 foi approved um projecto de lei tendo por fim favorecer as embarcações estrangeiras que venham carregar sal a Setubal: approved-se outro projecto sobre a construcção de um caes na Villa da Praia da Ilha de S. Thiago em Cabo Verde.

Nas sessões dos dias 5 e 7 discutiu-se um projecto de lei sobre habilitações para empregados da secretaria da marinha; que foi approved na generalidade e especialidade.

Na sessão do dia 8 concluiu a discussão da lei de habilitações para a secretaria de marinha: e foi approved um projecto de lei auctorizando o governo a fazer no collegio militar as modificações que se julguem necessarias, sem com tudo augmentar a verba do orçamento respectiva.

#### NOTICIAS.

—No dia 8 o preço dos fundos foi o seguinte:

	Compra	Venda
Notas do Banco de Lisboa.....	23400	23500
Tres operações.....	26	27
Inscrições de 5 por cento.....	48	48½
Ditas de 4 por cento.....	39	41
Papel-moeda.....	10	12
Titulos antigos (azues).....	8	9
Escriptos para as alfandegas.....	89	91
Na 6. <sup>a</sup> parte	83	87
Ações do Banco de Portugal.....	355000	360000
Ditas das Lezirias.....	425000	430000
Ditas—Seguro Firmeza.....	425000	430000
Ditas—Fidelidade.....	25000	26000
Ditas—Omnibus.....	72000	76800
Ditas—Pescarias.....	24000	26000
Ditas—Vapores do Tejo.....	20000	22000
Ditas—União Commercial.....	67200	68000
Ditas—Fiação e Tecidos.....	70000	72000
Ditas—Valla d'Azambuja.....	100 por cento.	
Obras Publicas.....	3	4 por cento
Confiança Nacional.....	250000	355000

#### EXTERIOR.

—Uma nova revolução acaba de agitar Pariz, como já annunciámos no nosso numero anterior.

No dia 23 um sem numero de homens armados, pela maior parte operarios, construíram fortes barricadas em muitos pontos da cidade: a guarda nacional correu ás armas, e fez quasi só por algumas horas frente á insurreição; depois á uma hora da tarde chegou em fim a tropa de linha e começaram a chegar batalhões de guarda nacional dos arredores.

As barricadas mais proximas ao centro da cidade foram tomadas de assalto, com grandissima perda de sangue, porque a sua construcção era solida e robusta; e foi por muitas vezes indispensavel o auxilio da artilheria para as levar de vencida. O general Cavaignac, a quem a assembléa nacional tinha entregue o poder executivo, e o mando absoluto é quem dirigiu as operações.

O deputado Trevenenc propoz que os deputados voassem ao combate; e muitos marcharam logo a incorporar-se em varias legiões. Arago mesmo tomou o commando de uma força.

No dia 24 o combate continuou ardente e encarniçado

como na vespóra; ao exercito do governo chegaram em cada hora novos reforços. A assembléa que se conservou em sessão permanente adoptou por aclamação, em nome da patria, as viúvas e orfãos dos que morressem na peleja.

A assembléa proclamou á guarda nacional, e o general Cavaignac tambem; este nomeou para commandar aquella guarda o general Perrot.

No dia 25 o combate continuou, mas os revoltosos começaram a perder terreno, até que a sua derrota se tornou completa.

No dia 26 os prisioneiros, em grande numero, foram conduzidos pela guarda nacional aos subterraneos das Tuileries: entre estes ha grande numero de mulheres que das janellas faziam um fogo mortifero sobre a tropa.

Neste dia o general Cavaignac fez uma proclamação aos soldados, declarando que não consentirá que se faça uma só victima, e que voltará immediatamente á vida particular.

Mr. Emile Girardin redactor da Presse acha-se preso, e ao seu jornal, assim como a muitos outros, que foram julgados perigosos na actual conjuntura, foi-lhe prohibido o publicar-se.

Em Marselha tambem correu sangue no dia 22; em consequencia de pedirem os obreiros diminuição nas horas de trabalho, e de serem dispersos pela guarda nacional. O combate durou algumas horas, porque os insurreccionados levantaram barricadas, que foi mister tomar pela força.

Uma revolução terrivel acaba de ter lugar na Martinica franceza, que causou grandes desgraças, e em que foram feitas muitas victimas. A revolução começou por um tumulto dos escravos da roça de Duchamps, situada junto ao forte de S. Pedro, tumulto em que elles pediam a liberdade de um companheiro seu, prezo por ter ameaçado seu senhor com a morte. Depois de algumas combinações entre as auctoridades e os escravos revoltados, quando se julgava a questão terminada, rebentaram as hostilidades. O incendio, o assassinio, toda a especie de crueldade, foi empregada pelos escravos contra os brancos; e foi preciso para acalmar um pouco a desordem que o general Rostolan declarasse abollida a escravatura.

—A Alemanha continua na maior agitação. Em Berlin houve no dia 15 do mez passado uma verdadeira insurreição, por causa dos soldados que occupavam o Arsenal, e que o povo queria desalojar: houveram barricadas, mas os revoltosos foram dellas desalojados.

Os insurreccionados de Praga capitularam, e as desordens terminaram.

Parece que o imperador d'Austria se não demorará em Vienna, se é que tenciona ir alli como se diz. Corre que o ministerio austriaco accetára a mediação da Inglaterra para os negocios da Italia, e que recommendára ao marechal Radetzki procurasse obter um armisticio, para evitar maior effusão de sangue.

—Depois da capitulação de Vicenza e de Padua os austriacos tem ganho bastante sobre os italianos; porém estas vantagens são compensadas pela grande deserção que todos os dias tem lugar nas fileiras das columnas italianas, que estão ao serviço da Austria.

Tem-se decretado na Italia grandes recrutamentos; e grande parte das forças tem-se concentrado em Veneza.

Os austriacos fizeram no dia 18 do mez passado um esforço para retomarem as importantes posições de Rivoli e do Monte della Corona, porém foram repellidos.

—A Russia ameaça a Alemanha com uma invasão: na Vallaquia ha uma divisão de 30:000 homens, e na fronteira da Moldavia outra de 60:000: falla-se de negociações com a Turquia, e diz-se que os servios estão dispostos a entrar pelas fronteiras dos povos limitrofes. O czar parece tratar os polacos com grande benevolencia.